



Um traço cultural do Alto Douro vinhateiro

Maria Eunice da Costa Salavessa *

1. Introdução

Desenvolvemos esta comunicação incluída no 2º Encontro Internacional “História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro”, e orientada para o concelho de Tabuaço que vem sendo objecto de nosso trabalho de investigação, em **quatro partes**: Tabuaço e o Alto Douro Vinhateiro; as marcas da acção do homem no Alto Douro Vinhateiro – concelho de Tabuaço; os muros de vinha; e uma conclusão que aborda a evolução da dimensão cultural.

2. Tabuaço e o Alto Douro Vinhateiro

A área geográfica do actual concelho de Tabuaço, integrada no distrito de Viseu e incluída na Região Demarcada do Douro:

- Engloba a totalidade ou parte das **freguesias** de: Adorigo, Valença do Douro e Desejosa; Santa Leocádia, Barcos e Tabuaço; Pinheiros, Vale de Figueira, Chavães, Távora e Pereiro; Granja do Tedo, Longra, Arcos, Sendim, Paradela e Granjinha. As localidades sedes de freguesia estão ligadas por acessos que convergem em Tabuaço, e são marcados por alguma fragilidade que lhes advém do encaixado dos rios Torto (limite leste do concelho) e Távora, e ribeira do Tedo (seu limite oeste).

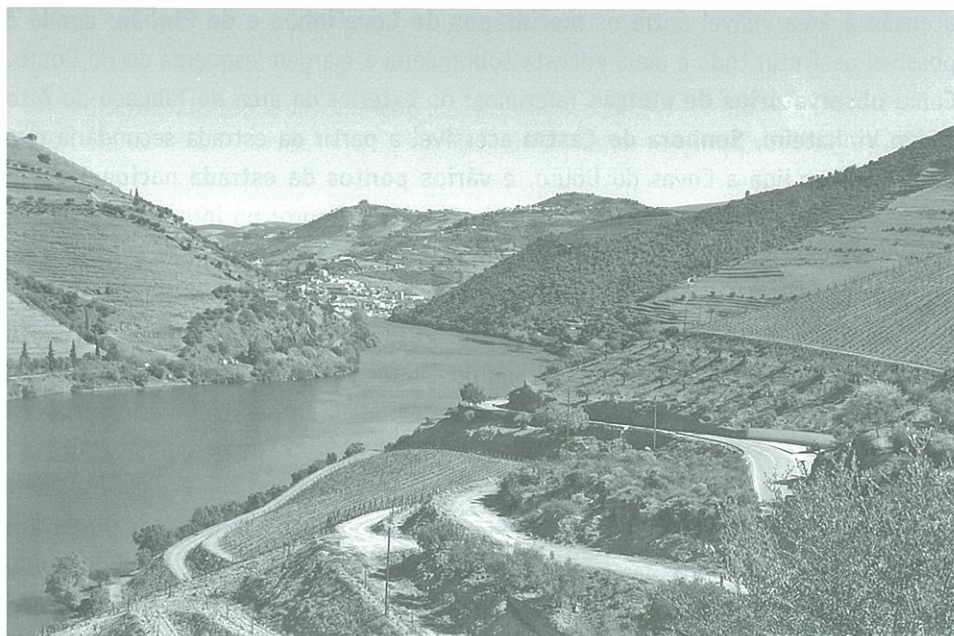
* Prof. Doutora Architecta, Investigadora do GEHVID e Professora – Auxiliar na UTAD

– Tem topónimos tradicionalmente associados aos das respectivas **paróquias**, que atestam raízes do primado medieval da administração eclesiástica local, topónimos que a tradição manteve na **devoção das populações aos seus oragos**: Nossa Senhora de Conduzende, S. Gonçalo e Santo Antão; Santa Leocádia, Nossa Senhora da Assunção e Nossa Senhora da Conceição; Santa Eufémia, Nossa Senhora da Apresentação, S. Martinho, S. João Baptista e Nossa Senhora Auxiliadora; S. Faustino/S. Jovita, S. Pelágio, S. Silvestre, Santa Maria, Espírito Santo e S. Pedro.

A **área do concelho de Tabuaço integrada na região do Alto Douro Vinhateiro**, localizada na parte norte do concelho, inclui a totalidade ou parte das **freguesias** de Adorigo, Valença do Douro, Desejosa, Barcos e Tabuaço. Esta área está incluída: na **zona de produção de “vinhos generosos”** (referência de “baptismo”, da legislação que a criou), ou **zona do “vinho do Porto”** (nome com patente internacional, filiado na localização dos locais da armazenagem prolongada que lhe refina a qualidade e das infra-estruturas de exportação), ou **zona do “vinho do Douro”** (designação que seria reconhecimento aos locais de produção, aos viticultores e ao meio em que o vinho era transportado); numa **zona geológica** caracterizada pelo complexo xisto grauváquico; e numa **zona climática** da terra quente transmontana, adequada ao cultivo da vinha dos denominados “vinhos generosos”.

3. As marcas da acção do homem no Alto Douro Vinhateiro – Tabuaço

Documentação internacional menciona a “expressão formal das múltiplas relações existentes num determinado **período**, entre o **indivíduo** ou uma **sociedade** e um **espaço** topograficamente definido, cujo aspecto resulta da acção, no tempo, de **factores naturais e humanos** e da sua combinação”. Estamos perante uma **tripla dimensão cultural**: “a observação que um indivíduo ou grupo social tem de um determinado território; o testemunho das relações passadas e presentes dos indivíduos com o seu ambiente; e a contribuição para a elaboração das culturas, sensibilidades, práticas, crenças e tradições locais”. Em consonância, Orlando Ribeiro refere que o homem pode introduzir, num específico território, **três tipos de acções**: uma “acção fugaz”; uma “ordenação geométrica”; ou “transformações profundas”. Se transpusermos para a área de Tabuaço do Alto Douro Vinhateiro, incluída na sub-região Cima Corgo da Região Demarcada do Douro, o ordenamento



de Ribeiro, podemos dizer, em traços genéricos, que: os **rios e ribeira** – Douro, Torto, Távora e Tedo – representam a “dominância da natureza”; os **aglomerados populacionais** – Valença do Douro, Adorigo, Desejosa, Balsa, Tabuaço e Barcos – e as principais **vias de comunicação** – estrada municipal que passa por Valença do Douro e estrada nacional que atravessa Santo Aleixo e Adorigo – “modificações pelo homem”, bem visíveis em fotografias aéreas ou cartas militares e cadastrais; o resto do território, formado por terreno obtido frequentemente por esmagamento da pedra xistosa, em que predominam os **vinhedos** plantados em terraços, em patamares, “ao alto” ou sem armação de terreno, aqui e além salpicados de quintas, e os mortórios, em que domina o olival ou os **matagais** de carrasco, urze e medronheiro, tem o significado de “dominância das obras humanas”.

A **acção do homem pode ser globalmente apreciada** com base em: observação visual, da via-férrea, em passeio fluvial ao longo do Douro, e de observatórios de eleição; e a partir de representações gráficas e de levantamentos fotográficos. Esta apreciação global rende-nos às “pirâmides de xisto”, referidas por Torga. Para uma apreciação pontual da paisagem oferecida pelos terrenos de meia encosta sobranceiros à margem esquerda do rio Torto (os mais ricos, sob o ponto de vista vinhateiro), recomenda-se o **itinerário da margem direita do rio** que, passando Casais do Douro, se dirige a Ervedosa do Douro e S. João da Pesqueira. **Na apreciação visual, em via-férrea ou em passeio fluvial**, devemos dedicar especial

atenção à área visível entre os **meridianos de Covelinhas e de Pinhão**, donde é possível desfrutar toda a meia encosta sobranceira à margem esquerda do rio Douro. Como **observatórios de eleição** referimos: no exterior da área de Tabuaço do Alto Douro Vinhateiro, **Senhora do Castro** acessível a partir da estrada secundária que de Gouvinhas liga a Covas do Douro, e **vários pontos da estrada nacional entre Bateiras e Ervedosa do Douro**, depois de Casais do Douro; no interior da área em apreciação, seleccionamos a **Senhora do Sabroso** sobranceira a Barcos, e **vários pontos da via de comunicação que, por Valença do Douro, conduz a Balsa**. Na **apreciação de representações gráficas**, incluídas na proposta de classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial, apreciada em conjunto com levantamento fotográfico que fizemos na área estudada, é possível distinguir a sua caracterização.

Os **mortórios** são mais expressivos entre os rios Torto e Távora, onde predominam a vegetação espontânea e o olivedo e mais raramente a vinha. A **vinha em terraços pós-filoxéricos** nas freguesias do concelho entre os rios Torto e Távora e da margem esquerda do rio Távora, onde ocupam 50% a 80% da área plantada com vinha. A **vinha em patamares** representa valores mais baixos, sendo mais expressiva na margem direita da ribeira do Tedo, com 40 a 60% da área plantada com vinha. A **plantação “ao alto”** é pouco representativa, tendo maior expressão nas freguesias entre o rio Távora e o rio Torto, com 5% a 10%. As **vinhas plantadas sem armação do terreno** ocupam áreas mais significativas nas freguesias da margem esquerda do rio Távora, com 10% a 40%.

Algumas **memórias do nosso levantamento fotográfico** confirmaram as representações gráficas – mortórios, terraços pós-filoxéricos, patamares, plantação ao alto e vinhas plantadas sem armação do terreno. Estamos perante um ordenamento do território materializado por **culturas perenes** (vinha e olival), matos (medronheiro, carrasco e urze), **povoados** em que sobressai o branco do casario, **quintas e casais** encostados aos rios Douro e Távora, e **pequenas capelas** situadas nos pontos altos. A **apreciação pontual** dos terrenos de meia encosta sobranceiros à margem esquerda do rio Torto, feita **de forma visual**, a partir das estradas sobranceiras à margem esquerda do rio Douro e margem direita do rio Torto, observação **apoiada em cartas topográficas e fotografias aéreas militares**, permite-nos assinalar: Quintas dominadas pela casa do proprietário e edificado anexo – Tedo, S. Luís, Pego, Espinheiro, Monte Travesso, Seixo, Corte e Bom Retiro; predomínio de vinhas em terraços pós-filoxera, representatividade média de vinhas em patamares e de mortórios cobertos com matos e oliveiras, e representatividade muito pequena de vinhas em terraços pré-filoxera (exemplo que revivemos, na Quinta do

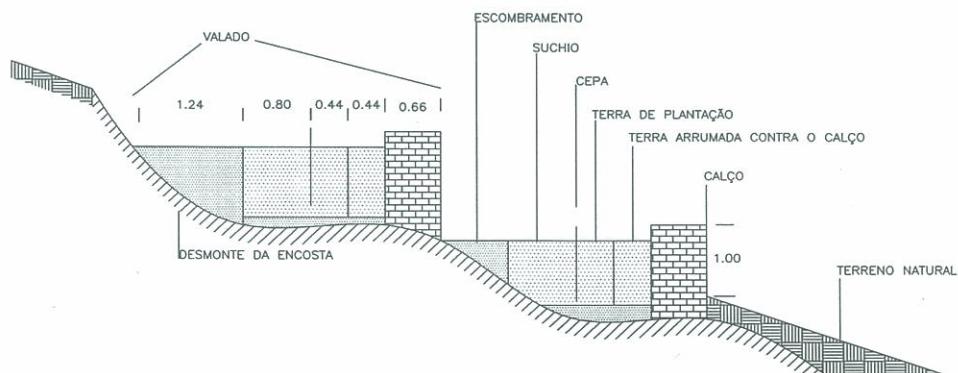


Bom Retiro e como que referência histórica). A meia encosta ou em zonas sobranceiras aos vales encaixados dos rios, assentam os povoados, atravessados por vias de comunicação.

4. Os muros de vinha

A “Gramática de Pedra”, de Gabriella Casella: faz referência a **vários exemplos de muros**, em distintas regiões do País; menciona, entre outros, quanto à sua **utilização** muros de vedação do terreno e de suporte de terras, e quanto à sua **função estrutural** os muros auto-portantes; salienta, como **propriedades** a considerar (com exigências diferentes, conforme a utilização e a função estrutural) nos materiais constitutivos dos muros, a durabilidade, a resistência à compressão, a resistência à tracção, a estanqueidade, a drenagem e a composição química; refere, entre os **principais sistemas de construção**, a alvenaria de pedra seca ou alvenaria insossa; menciona o termo “rachear, encascar ou escassilhar”, com o significado de introduzir pequenas pedras ou lascas nos interstícios das pedras maiores para as fixar.

Os **muros de vinha**, levantados na Região Demarcada do Douro e em especial no Alto Douro Vinhateiro, são muros que o “viticultor duriense armou”, em “terreno onde a rocha e o cascalho imperam”, dando lugar a “majestosos anfiteatros”, cuja imagem contribuiu para a classificação desta região como Património da Humanidade.



MURO VINHATEIROANTES DA INVASÃO FILOXÉRICA (Adaptação de desenho de Moreira da Fonseca)

Moreira da Fonseca, no seu estudo, ao tratar da “**preparação da terra**” para “**instalação da vinha**”, aborda aspectos de: terminologia; finalidade; diferenças; oportunidade; dimensões; e capacidade de instalação da vinha. Quanto à **terminologia**, aos muros dá a designação de “calços”, e de “valados, socalcos, terrados

ou geios” ao terreno entre dois “calços” consecutivos. A **finalidade** dos “calços” engloba: o “amparar a pouca terra posta à disposição das videiras”, evitando que as águas, quando torrenciais, as deixem “descalças”; o “arrumar conveniente e regularmente a enorme quantidade de pedra em que estas terras são tão pródigas”; e “aumentar a intensidade do aquecimento com as reflexões a que obrigam os raios solares”. Sobre as **diferenças**, estas destacam a reduzida profundidade do “rompimento” do terreno, antes do ataque filoxérico, e a maior profundidade que foi imposta face às maiores exigências da introdução da videira americana. No que respeita à **oportunidade**: antes do ataque filoxérico, os “calços” construíam-se “no momento em que se preparava a terra, ou só decorridos 4 anos após a plantação”; seguiam as curvas de nível do terreno, com inflexões mais ou menos acentuadas; hoje, o levantamento dos “calços precede sempre a plantação da vinha”, e apresentam panos rectos que se intersectam em arestas vivas. Sobre as **dimensões**: a altura dos “calços”, antigamente, era de 1 a 2 metros, e em cada “socialco” metiam-se 1 ou 2 fiadas de cepas; actualmente, os “calços” são mais altos e os “socialcos” mais largos, comportando 5 e mais fileiras de cepas. A **capacidade de instalação da vinha**, antigamente regulava por cerca de 3.500 videiras por hectare, actualmente à volta de 5.000. A **preparação da terra antes da invasão filoxérica**, segundo Moreira da Fonseca, englobava, no seu conjunto: o “desmonte” da encosta (feito de baixo para cima); e a preparação do “valado” (com ligeira inclinação, para proporcionar suave escoamento das águas), que incluía o levantamento dos “calços”, a junção da terra para plantação das cepas, a abertura do “suchio” (rasgo no terreno para conseguir mais terra), e, por vezes, a preparação do “escombramento” (faixa de terra na parte superior do valado). Para a **preparação da terra depois do ataque filoxérico**, e para o caso do processo “surribas de caras acima”, de valadas paralelas às curvas de nível (de notar que existe outro processo que é o “surribas de través”, de valadas perpendiculares às curvas de nível, utilizado, por exemplo em vinhas que se replantam mantendo os “calços” existentes, ou vinhedos que se querem “charondar”, no caso dos mortórios com “calços” em sofrível estado de conservação que exigem apenas uma ligeira reparação), Fonseca refere duas fases: o “arroteamento”, “surriba”, “rompimento”, ou “saibramento”; e o “arrazamento”. O “arroteamento” inclui: a abertura dos alicerces para o primeiro “calço” (que se faz com uma base de 1,76m de espessura e uma ligeira inclinação de 5%, “arrastante”, se for mais alto do que 2 metros); a abertura da primeira valada; a abertura da segunda valada, com o “descombramento” ou “desbancamento” (remoção da terra e da pedra da parte superior do terreno, com o auxílio de “ferros de monte” ou alavancas e pás) e o “abançar” (com “guilhos”, e se necessário maceta, broca e



dinamite); entulhamento da primeira valada com o material extraído da segunda; e assim, sucessivamente, pela encosta acima. O “arrazamento” corresponde à regularização da superfície do terreno (picando a terra com o “ferro do monte”, removendo-a com enxadas e pás, e britando a pedra miúda com “macetas”).

Da troca de impressões que tivemos com o Sr. Israel, de Mesão Frio, pedreiro especializado em muros, com obras feitas no nosso País e em Espanha, retivemos os pontos fundamentais a observar na construção de muros vinhateiros: **reforço da estabilidade com desvio da verticalidade** (arrastante, com cerca de 5%), abertura de **vala com base em cunha**, no terreno natural, e **diminuição progressiva da largura do muro**, de baixo para cima; **escassilhar** as pedras irregulares de xisto do muro, para as fixar; **cápea de ardósia** na face superior do muro, como remate e para protecção contra as infiltrações da água das chuvas.

5. Conclusões

Para terminar, uma referência à **evolução da dimensão cultural** imposta pela evolução das práticas vitivinícolas na região:

- Os socalcos pré-filoxéricos são do último terço do século XIX e os socalcos pós-filoxéricos, predominam desde os finais do século XIX até aos anos trinta do século XX, para **aumentar as áreas de plantação**.
- Os patamares e a vinha “ao alto”, das últimas décadas do século XX, surgem para **adequação aos meios mecanizados** a substituir a força dos homens na luta contra a rocha para a transformar em terra; os primeiros, com taludes inclinados e sem muros; os segundos, usados em terrenos com menores declives.

É evidente que a paisagem das encostas do Douro vem sofrendo **profunda alteração**; mas **os socalcos pré-filoxéricos são imagem que terá influenciado a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial**, o que, por si só, **se razões de qualidade vinícola não existirem**, justifica a preservação, para os vindouros, desta memória dos “homens que fizeram o Douro”, com prioridade para a substituição do medronheiro, do carrasco e da urze, que os invade, por novos vinhedos ou por outras culturas (oliveira); é assunto que impõe a sensibilização dos actuais agentes. Mas a evolução é igualmente patente, se nos detivermos na observação de **locais e equipamentos de produção**, actuais face aos já abandonados. Alguns exemplos: há **lagares romanos** cavados em rocha, como o lagar em Vale de Vila, Sendim, Tabuço, com o seu tanque onde se pisavam as uvas e

espremia o bagaço e que comunicava com a pia ou dorna onde se recolhia o vinho, que representa património que justifica **museolização**; ainda são religiosamente conservados **meios utilizados na produção vinícola**, que também justificam a seu **tratamento museológico**, que é o caso do **alambique**, de traçado de herança medieva, em cobre estanhado, com a sua caldeira, o capitel e a serpentina; e persistem **lagares em pedra de granito**, como o que encontramos na Quinta do Bom Retiro, e que **continua a ser utilizado** para a feitura de vinhos especiais, segundo os métodos tradicionais.

Esta síntese inclui a memória de alguns traços culturais que me pareceu oportuno recordar..... numa manifestação de **apego regional à tradição** e de bom gosto, antigos meios utilizados na produção vinícola também surgem na via pública, como **exemplares de tonéis** e de um **antigo alambique**, que fomos encontrar à entrada de Adorigo, uma das aldeias do concelho de Tabuaço. Retenho também a **memória de alguns traços culturais que me pareceu oportuno avivar.....** damos especial relevo aos **muros de xisto.....** Recentemente, e já depois de ter redigido esta síntese, li, num órgão da comunicação social, referência a declarações de um responsável político, em que, perante a constatação do risco de desaparecimento de um dos principais rostos da classificação do Douro Vinhateiro como Património Mundial, se manifesta a intenção de atribuir um **subsídio, aos agricultores que contribuam para a manutenção deste padrão tradicional....** Considero a medida oportuna e importante, mas cujo sucesso muito depende também de **campanhas de divulgação dos valores culturais tradicionais.**

Bibliografia

- CASELLA, Gabriela, *Gramática de Pedra – Levantamento de Tipologias de Construção Murária*, Centro Regional de Artes Tradicionais, Porto, 2003.
- FONSECA, Álvaro Moreira da, *Práticas Culturais nos Vinhedos Durienses Antes e Depois da Invasão Filoxérica*, Separata dos Anais do Instituto do Vinho do Porto, Porto, 1940.
- RIBEIRO, Orlando, *Introdução ao Estudo da Geografia Regional*, 1ª edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1987.
- Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património da Humanidade*, Fundação Rei Afonso Henriques, Porto, 2000.
- Carta Geológica de Portugal – Folha 10 – D, Alijó*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1998.
- Carta Militar de Portugal – escala 1/25.000 – Folhas 127 e 128*, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa, 1998 e 1997.
- O Clima de Portugal – Fascículo XV – Região Demarcada do Douro*, Orientação do Prof. H. Amorim Ferreira, Serviço Meteorológico de Portugal, Lisboa, 1996.
- Recommandation n° R(95)9 du Comité des Ministres aux États Membres Relative à la Conservation des Sites Culturel Intégrée aux Politiques du Paysage*, Septembre 1995.